



As aventuras de Matias



As aventuras de Matias

Rosa Maria de Souza (*)

Desde o dia vinte de março não vemos nossos alunos.

O mundo parou diante de um perigo invisível, que nos encarcerou dentro de nossas casas. Pensamos que em três ou quatro meses estaríamos de volta à escola, com as crianças. Ilusão. Estamos em novembro e não os veremos pessoalmente este ano.

E agora? O que fazer? Como fazer? Estes foram nossos questionamentos quando nos chamaram para retornar ao trabalho com as crianças, de forma remota.

A equipe da escola decidiu enviar um planejamento semanal contendo vivências a serem inseridas na rotina da família. Sugerimos que reservassem um momento do dia para ficar com seus filhos, tornando a família uma ponte entre a escola e a criança, realizando atividades que contribuíssem com sua aprendizagem e desenvolvimento.

Cada turma tinha um grupo de whatsapp com o professor, meio pelo qual eram enviadas as propostas. Nos primeiros planejamentos explicamos qual era nossa intenção e como os pais poderiam nos ajudar em casa.

Ao conversar com as crianças nós e os familiares buscamos entender como elas estavam vivendo aquele momento. Os responsáveis envolveram-se nas brincadeiras, em momentos privilegiados de interação e

sua disponibilidade apoiava o fortalecimento dos vínculos da criança com a escola.

Várias propostas foram realizadas em casa: leitura, “contação de histórias”, experiências culinárias e, ainda, tarefas domésticas como arrumar a mesa do almoço, guardar suas coisas, cuidar dos brinquedos. Além de músicas, confecção de brinquedos, entre muitas possibilidades que fizeram parte do cotidiano da família.

Estávamos presentes na vida e na história não só das crianças, mas das famílias também, na casa de cada um deles, de uma forma muito próxima.

A Secretaria Municipal de Educação desenvolveu um projeto relativo à alimentação e movimento nas escolas. Nesse contexto, as professoras gravaram um vídeo sugerindo o plantio de feijão na terra ou em um potinho. Sugerimos também que as crianças fizessem o registro por meio de fotos, vídeos ou desenhos e enviassem nos grupos.

Em julho, resgatamos, ainda, o trabalho envolvendo os idosos da comunidade, com o projeto “Trocando Sabedorias”. Sugerimos que as crianças entrassem em contato com os avós, mesmo que por telefone ou computador e pedissem para eles contarem histórias e, se isso não fosse

possível, que os pais mostrassem fotos dos avós.

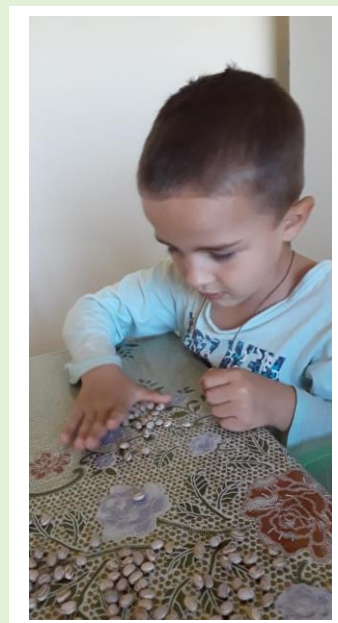
Matias Broleze Babler, de cinco anos, vive em um sítio com seus pais e avós, que são agricultores.

Sua mãe, Cristiane Broleze Babler, apropriou-se das propostas que sugerimos, incentivando o brincar na natureza e o cuidado com as plantas, como o preparo da terra, o plantio, as regas. Matias e sua mãe presentearam-nos com uma linda devolutiva com fotos, vídeos e um pequeno texto sobre como estavam sendo realizadas em casa as nossas propostas. Com

relação ao plantio do feijão, foi uma aventura para o Matias e para nós, uma grata surpresa:

“Meu nome é Matias Broleze Babler, moro em um sítio onde também moram meus avós. Junto com eles colhi café e ajudei na lavagem e secagem no terreiro. Plantei e colhi feijão, bati com a vara (“malhar”) na retirada do feijão da bainha no terreiro. Depois meu avô me levou para passear dentro do saco, com a palha do feijão. Foi muito divertido”.





Clique na imagem para acessar o vídeo

(*) Rosa Maria de Souza - Coordenadora Pedagógica da EMEI Sossego da Mamãe e Creche Santa Rita
Texto escrito no contexto do Projeto Comer e Brincar na escola serve para quê? Secretaria Municipal de Educação de Amparo/ SP, em parceria com o Instituto Avisa Lá e Fundação Cargill.
Este texto foi publicado no Blog do Avisa Lá em 22/12/2020.